

**Universidade de São Paulo
FFLCH/DLCV**

Filologia Portuguesa

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
(USP/CNPq)
São Paulo/2023-2

Filologia Portuguesa

PROGRAMA

- **Objetivos:**
- Adquirir conhecimento teórico e prático de Filologia portuguesa – *lato sensu* e *stricto sensu* (Crítica textual).
- Executar trabalho de fixação ou estabelecimento ou edição ou reprodução de textos literários e não literários de variado gênero, antigos e modernos, manuscritos e impressos em língua portuguesa.

Filologia Portuguesa

PROGRAMA

- **Justificativa:**
- A disciplina introduz estudantes/pesquisadores aos estudos de Filologia e Crítica textual, colocando em prática os tipos de reprodução ou edição de material escrito (textos literários e não literários), incluindo as edições crítica e genética.
- A disciplina dá contribuição para o desenvolvimento teórico e prático sobre filologia, crítica textual e crítica genética e proporciona, além do estudo histórico da LP, a fixação de textos literários de acordo com os preceitos da crítica textual moderna e contemporânea.

Filologia Portuguesa

PROGRAMA

- **Conteúdo:**
- Conceito, objeto e função da Filologia.
- As disciplinas filológicas: Paleografia, Codicologia e Diplomática.
- Os tipos e critérios de edição, reprodução, fixação, estabelecimento e estudo de textos não literários manuscritos e impressos antigos e modernos.
- Crítica textual. As etapas da edição crítica: recensão e emenda.
- Estabelecimento de textos literários e não literários.

• **Bibliografia:**

- AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. Iniciação em crítica textual. RJ; SP: Presença; Edusp, 1987.
- BÉDIER, Joseph. La tradition manuscrite du "Lai de l'ombre". Réflexions sur l'art d'éditer les anciens textes. Romania 54, p. 161-196/321-356, 1928 [reed. ampl., 1929].
- BLECUA, Alberto. Manual de crítica textual. Madrid: Ed. Castalia, 1983 [reimpressão: 1990].
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa - Edição crítica, estabelecimento de texto, introdução e notas de E. G. Pagotto, M. C. F. Silva, M. M. Santiago-Almeida. Petrópolis: Vozes, 2019.
- CAMBRAIA, César Nardelli. N; MIRANDA, J. A. Crítica textual: reflexões e práticas. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMBRAIA, César Nardelli; LARANJEIRA, M. B. Tipologia dos erros na tradição latina do Livro de Isaac. Caligrama (UFMG) 15, n. 2, p. 7-48, 2010.
- CAMBRAIA, César Nardelli. Livro de Isaac: edição crítica da tradução medieval portuguesa da obra de Isaac de Nínive. BH: Editora UFMG, 2017.
- CANDIDO, Antonio. Noções de análise histórico-literária. São Paulo: Humanitas, 2005.
- CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem... in: IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina. Campinas, 1990.
- CASTRO, Ivo. Poemas de Fernando Pessoa. 1921-1930. Ed. Crítica. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.
- CASTRO, Ivo. Verdades pessoais. Prelo (Lisboa) 1, p. 54-65, 2006.
- CASTRO, Ivo. Editar Pessoa. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.
- CASTRO, Ivo. Poemas de Alberto Caeiro. Edição crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015. 4 v.
- CUNHA, Celso. Breves considerações sobre a tipologia dos erros ou variantes em crítica textual. Bracara Augusta, Braga, n. 39, p. 415-427, 1985.

- **Bibliografia:**

- DUARTE, Luiz Fagundes. A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz. Lisboa: Cosmos, 1993.
- FERREIRO, Manuel et alii. Normas de edición para a poesía trabadoresca galego-portuguesa medieval. A Coruña: Universidade da Coruña, 2007.
- HOUAISS, Antônio. Elementos de Bibliologia. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1967.
- MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual [Publicado em Fernanda Mota Alves et al. (orgs.), Filologia, Memória e Esquecimento. Act. 20. Lisboa, Húmus, pp. 355-367, 2010.] Universidade de Lisboa, Centro de Linguística.
- MAAS, Paul. Critica del testo. Firenze: Le Monnier, 1975.
- MEGALE, Heitor. Pesquisa filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua portuguesa. Estudos Linguísticos (GEL) 27, p. 3-28, 1998.
- PASQUALI, Giorgio. Storia della tradizione e critica del testo. Firenze: Le Lettere, 1988 [1ª ed. 1934].
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: Gil et alii. Modelos de análise linguística. São Paulo: Contexto, 2009.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Transmissão de texto: o caso Pessoa. Estudos Linguísticos e Literários (UFBA), v. 52, p. 146-165, 2015.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Dom Casmurro. Machado de Assis. (Edição crítica atualizada). Estabelecimento do texto e estudo de variantes. 1ª edição. São Paulo: Desconcertos Editora, 2021.
- SILVA, José Pereira. Crítica Textual e Edição de Textos. Rio de Janeiro: o autor, 2005.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. Fundamentos da crítica textual. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1977.

Recorte conceitual e interdisciplinar

CONCEITUAÇÃO

Do sentido restrito (**Crítica textual**) ao amplo (**Filologia**),
passando por **Crítica genética**.

Crítica textual: disciplina que se dedica à **EDIÇÃO** ou **fixação** ou **estabelecimento** de **texto escrito** – primordialmente **literário**, antigo e moderno, manuscrito e impresso – em sua **forma** ou **versão** [teoricamente] **original** ou **genuína**.

Então, quem lida com **Crítica textual** movimenta-se, metodologicamente, numa **perspectiva diacrônica** que, por sua vez, nos remete a outras disciplinas, como a **Filologia** e **Linguística histórica**, por exemplo.



- **Filologia**: disciplina histórica que se dedica à **reprodução** ou **reconstrução** de textos do passado (literários e não literários), identificando e definindo as suas diretrizes ou coordenadas sincrônicas e diacrônicas, linguísticas e situacionais. Quer dizer: **edita o texto, favorecendo o estudo da língua, nele reproduzida, em toda a sua plenitude.**

(1562)

Auto da barca do inferno (Gil Vicente, 1465? - 1537)

(1517)?

1 Arrai; do inferno.
 2 ¶ Ha a barca, ba barca, ou laa
 3 que temos gentil maree,
 4 ora venha a caro a ree.
 5 feyto, feyto, bem esta.
 6 ¶ Hay alij muy tieramaa
 7 z atesa a quelle palanco,
 8 z despeja a quelle banco
 9 pera a gente que viraa.
 10 ¶ Ha a barca, ba barca, huu
 asinha que se quer yr,
 oo que tempo de partir
 louuozes a berzebuu,
 ora sus que fazes tu,
 despeja todo esse leyto.
 Cõpa. Em bonora, logo he feyto.
 Bia. Abayxa aramaa esse cu.

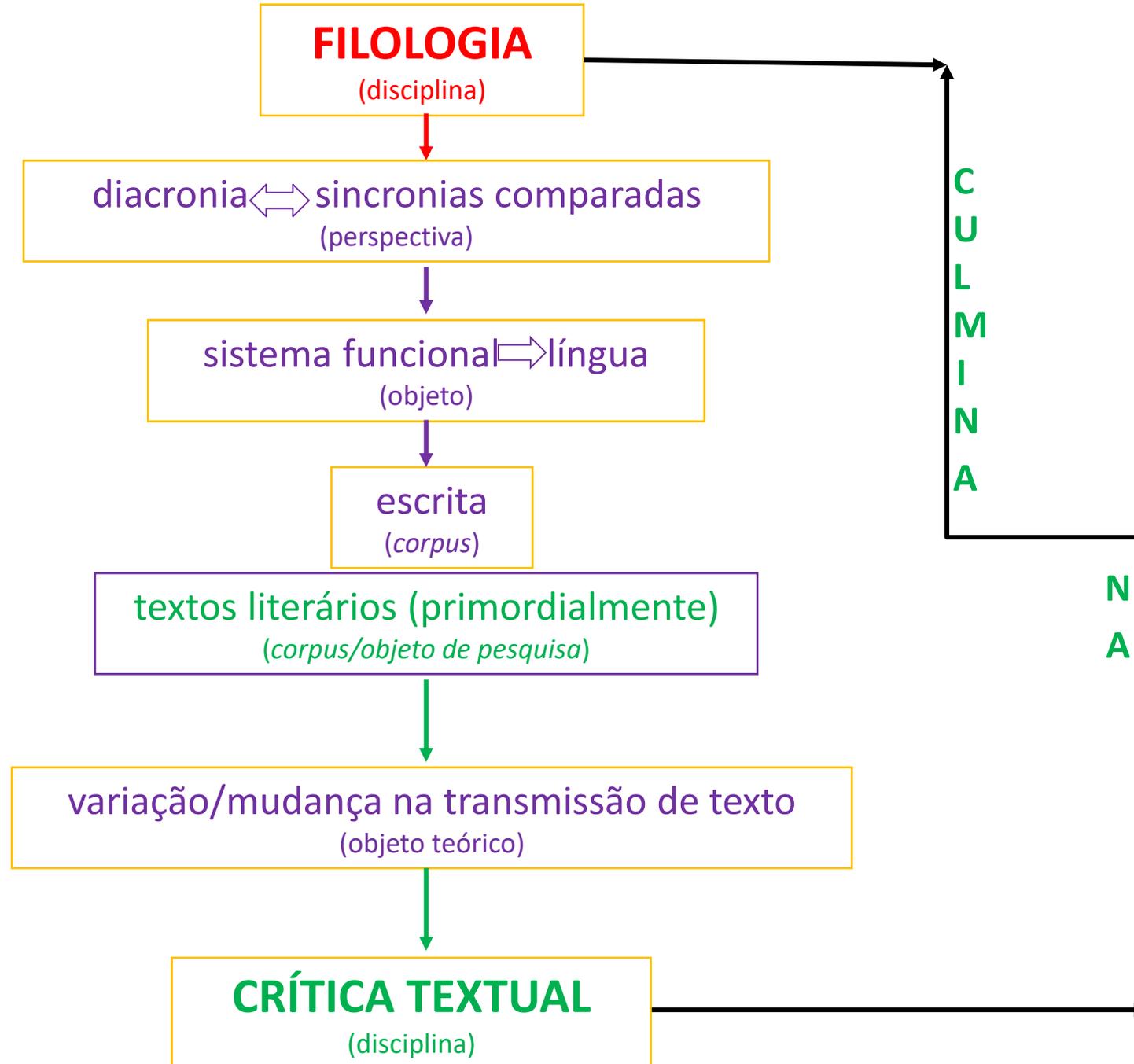
1 di. ¶ Ha a barca a a barca ou laa
 2 que tenemos gentil maree
 3 ora venha ho caro a ree
 4 cõ. feyto feyto. dia, bem esta
 5 vaytu muytsera naa
 6 atesa a quelle palanco
 7 z despeja a quelle banco
 8 pera a gente que vinraa.
 9 ¶ Ha a barca a a barca huu
 10 asinha que se quer hir
 o que tempo de partir
 louuozes a berzebuu
 ora sus que fazes tu
 despeja todo esse leyto
 cõ. em boa ora feyto feyto.
 di. abaxa maora esse cu.

(+)
pontuação

- 1. Arraiz do inferno ↔
- 2. temos ↔
- 3. a ↔
- 4. []; [] ↔
- 5. alij ↔
- 6. z ↔
- 7. viraa ↔
- 8. huu ↔
- 9. bonora | logo he ↔
- 10. Abayxa aramaa ↔

- diabo
- tenemos
- ho
- cõ panheyro; diabo
- tu
- []
- vinraa
- huu
- boa ora | feyto
- abaxa maora

(-)
pontuação



variação/mudança na transmissão de texto

(objeto teórico)

di. ¶ Na barca a barca oulaa
que teneinos gentil maree
ora venha ho caro aree
cō feyto feyto. oia. bem esta
vaytu muytiera naa
? atesa a quelle palanco
z despeja a quelle banco
pera a gente que vinraa.
¶ Na barca a barca huū
a sinha que se quer hir
o que tempo de partir
louuores a berzebū
ora sus que fazes tu
despeja todo esse leyto
cō. em boa ora feyto feyto
di. abaxa maora esse cu.

1517



¶ Arrai; do inferno.
¶ Na barca, ba barca, oulaa
que temos gentil maree,
ora venha a caro aree,
? feyto feyto, bem esta.
¶ Nay alij muytieramaa
z atesa a quelle palanco,
z despeja a quelle banco
pera a gente que viraa.
¶ Na barca, ba barca, huū
a sinha que se quer yz,
oo que tempo de partir
louuores a berzebū,
ora sus que fazes tu,
despeja todo esse leyto.
Cōpa. Em bona ora, logo be feyto
¶ Na abaxa a amaa esse cu.

1562

variação/mudança na transmissão de texto

(objeto teórico)

Todo eu estou mythologico. Ainda ha pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Thetis; **risquei Thetis,** **risquemos nympha;** digamos sómente **uma creatura amada, palavra que envolve** todas as potencias christãs e pagãs. Em

1900



Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Thetis; risquemos ninfa; digamos sómente tôdas as potências cristãs e pagãs.

1950

variação/mudança na transmissão de texto

(objeto teórico)

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse...
Minha alma é como um pastor,
Pertence ao vento e ao sol.
E anda pela mão das Estações
A correr e a brincar...
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado...
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Quando acontece ao fundo do oceano,
E se sente a noite entrar
Como uma borboleta pela janela.

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr do Sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Montalvor e Simões, Ática, 1946, p. 19-21.

Crítica textual: Disciplina, inserida na área de Letras, que se dedica à **edição** ou **fixação** ou **estabelecimento** de **texto escrito** – primordialmente **literário**, antigo e moderno, manuscrito e impresso – em sua **forma** ou **versão**, teoricamente, **original** ou **genuína** (supostamente trata-se da última versão autoral ou de maior autoridade ou vista ou autorizada pelo autor, publicada ou não com o autor vivo)

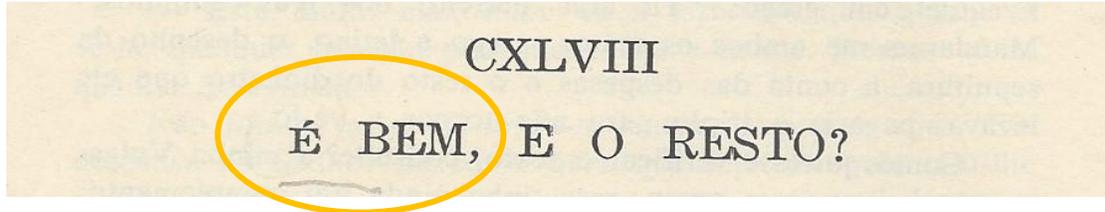
No caso de **TEXTOS ANTIGOS**, cujo original pode estar perdido, a finalidade é, no processo de edição, reconstituí-lo, estabelecendo seu **arquétipo** (*texto restaurado como antepassado comum da tradição textual, compreendendo as diferentes cópias, e que não se deve confundir com o original perdido*), teoricamente eliminando os efeitos de ruídos: que são as interferências supostamente não autorais que foram produzidas no decorrer de sua transmissão.

Uespera ^{de punitoeste for}
^{gilde gente d'isti}
 ada em camulador asi q' pode
 za homeny ha ueez muy grah gre
 nte muytos caualleyros Emuytas
 donas muy bem guisadas Elker
 q' era ende muy ledo honrou os
 muytos e ffezeos muy bem furi esto
 da yem q' entendeo p' que aqlla co
 re seera mais moosa e mais leda
 todo ofez fazer. Aquel dia q' uas
 eu digo direitamente quando q'm
 am por as messas esto era ora
 de noa. Duces q' hua donzella che
 gou hi muy frefosa e muy bem
 uestida. e entrou no praço apes co
 mo mandadera. Ella comecou a
 cantar de hua parte e da out' yllo
 paço. ep' gualuana que dema
 taua. Eu demandado disse ella por
 dom lancador do lago. he aq'. Si
 donzella disse hum caualley. uee
 dello sta aqlla frefosa fallando co
 dom gualuam. ella foe logo pa
 el e saluo. Elle tanto q'a mo si
 rebeca muy bem e abracoua. ca
 aqlla era hua das donzellas q'm
 raram na ynsa da ledica q' asi
 lha amda delker pelles anuaia
 mais q' donzella da sua companhia

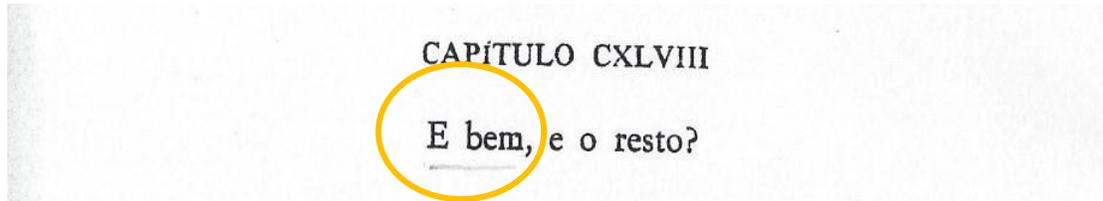
No caso de **TEXTOS MODERNOS**, em que se tem acesso às edições publicadas com o autor vivo, a meta é determinar qual dessas edições ou, se for o caso, dos autógrafos (textos da mão do autor) existentes possui maior autoridade para elegê-lo como **testemunho de colação** ou **texto-base** (teoricamente, é o último que o autor publicou em vida). TEORICAMENTE mesmo!

Título do último capítulo de Dom Casmuro (M. de Assis)

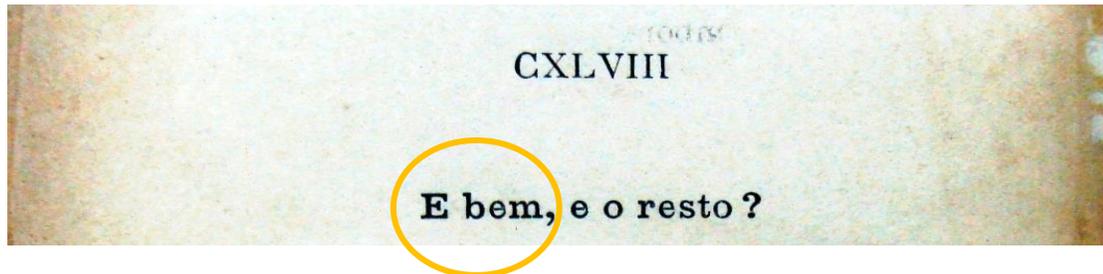
Versão com maior autoridade [a ser estabelecida]: E bem, ou É bem, ?



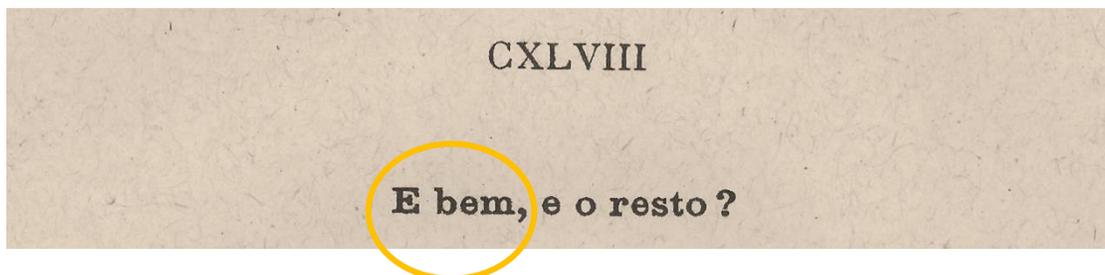
1992, Livraria Garnier



1977, Edição crítica (comissão Machado de Assis)



1900, 2ª edição



1899, 1ª edição

Com outras palavras:

Crítica textual fornece instrumentos teórico-metodológicos que guiam o estabelecimento do texto literário, restituindo-lhe [teoricamente] sua **genuinidade** (supostamente trata-se da última versão autoral ou de maior autoridade ou vista ou autorizada pelo autor, publicada ou não com o autor vivo) e o prepara para ser publicado.

No caso de se lidar com textos cujos rascunhos existem e a eles se tem acesso, como é mais comum quando lidamos com **TEXTOS MODERNOS** e **CONTEMPORÂNEOS**, **Crítica textual** se aproxima de **Crítica genética**:
Disciplina que se propõe a analisar, classificar e interpretar os espólios, medindo a distância que separa os pré-textos (notas, esboços, rascunhos e redações transitórias) do texto definitivo, publicado ou não pelo autor. O objetivo da **Crítica genética** é traçar o processo de gênese ou de criação de um texto literário.

A: 67-38v [4-3-1914]

p. 19-21

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor
 Pertence ao vento e ao sol
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar...
 Toda a paz da natureza ^{sem gente}
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella...

B: 67-2r [20-5-1914]

67-2 15-

p. 19-29

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol.
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar...
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

MS: 145 [post 5-1914]

1889-1915

Como um pôr de sol para a minha alma
 Como um pôr de sol para os meus olhos

Triste como um pôr de sol para os meus olhos.

I. X

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar...
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

C: 67-1r [post MS, 1914]

p. 19 67-1

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse.
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol,
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar. (A viver como elles vivem.)
 Toda a paz da natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado;
 Mas eu fico triste, por mi o pôr de sol
 Como um pôr de sol para a minha alma
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite chegar sem se ver
 Como uma borboleta pela janella
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

D: 65-60r [post 1914]

65-60 45-

mas eu fico triste, como um pôr de sol
 Para a minha alma
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

ATH - "Athena", Lisboa, vol. I (4) Jan. 1925, p. 145

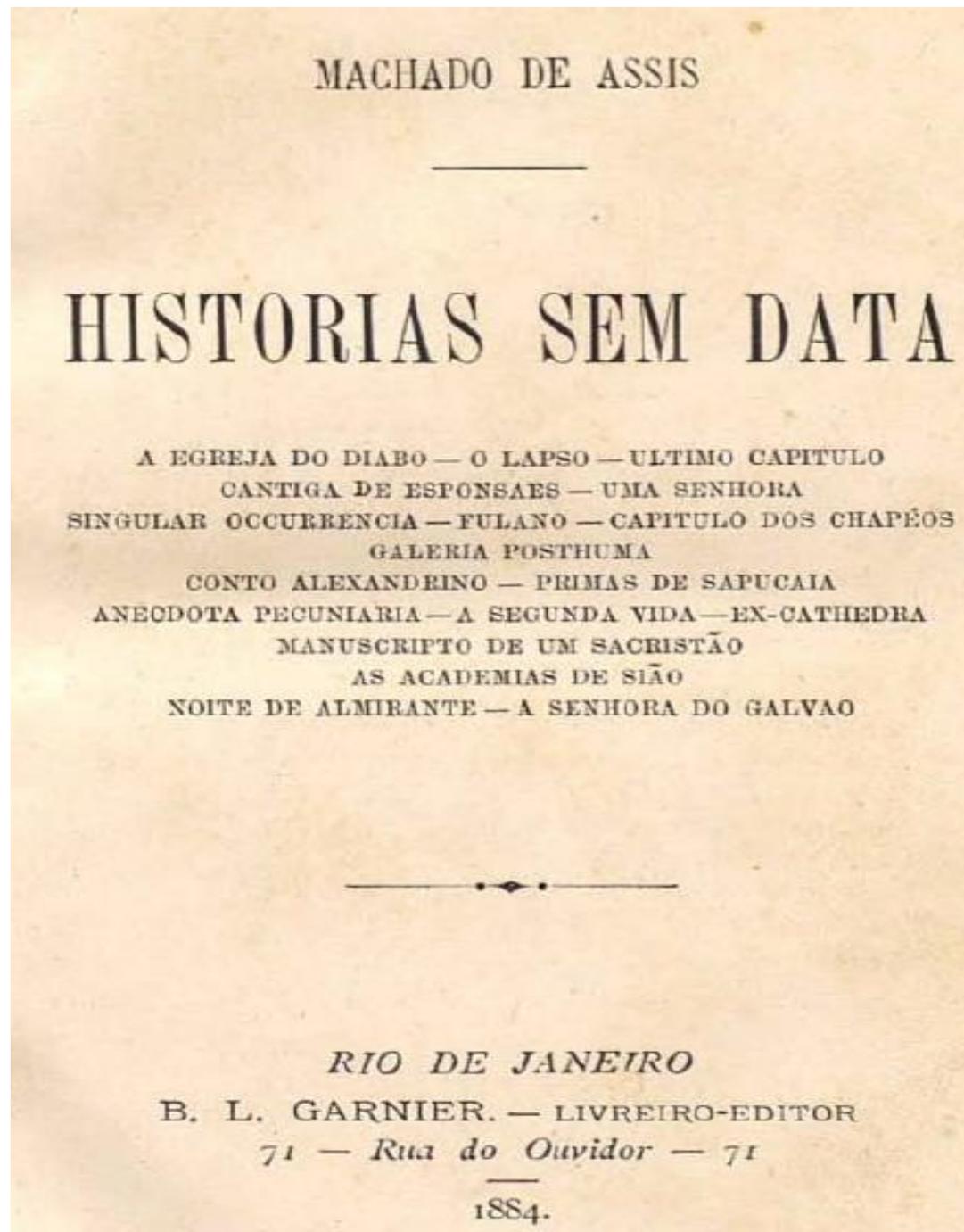
ESCOLHA DE POEMAS DE
ALBERTO CAEIRO
 (1889-1915)

DE «O GUARDADOR DE REBANHOS»
 (1911 - 1912)

I

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse.
 Minha alma é como um pastor,
 Conhece o vento e o sol
 E anda pela mão das Estações
 A seguir e a olhar.
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado.
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Para a nossa imaginação,
 Quando esfria no fundo da planície
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

Breve experimento



Ao todo, trinta e oito cadáveres. Cortaram uma orelhá aos principaes, e fizeram d'ellas collar e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong. Ebrios da victoria, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hymno magnifico : « Gloria a nós, que somos o arroz da sciencia e a luminaria do universo ».

Ao todo, trinta e oito cadáveres. Cortaram uma orelha aos principais, e fizeram delas colares e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong. Ébrios da vitória, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hino magnífico: “Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a luminária do universo”.

Disciplinas filológicas

- **Paleografia**

- Estudo das antigas formas de escrita, incluindo sua datação, decifração, origem, interpretação etc.

✓ A *paleografia* pode ser definida, de uma forma bastante básica, como o *estudo das escritas antigas*. Modernamente, apresenta finalidade tanto teórica quanto pragmática. A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente os **sistemas de escrita**; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a **autenticidade** de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado.

Disciplinas filológicas

- **Diplomática**
- Estudo dos diplomas, cartas e outros documentos oficiais, para determinar sua autenticidade, integridade e época ou data em que foi feito.

Pode-se definir basicamente a *diplomática* como o *estudo de documentos* (em especial, os jurídicos). Deve-se entender aqui por *documento*, em um sentido estrito, *toda notícia escrita de algum acontecimento*.

Cambráia (2005, p. 25)

Disciplinas filológicas

- **Codicologia**
- Estudo e descrição do livro manuscrito ou códice.

A codicologia consiste basicamente no estudo da técnica do livro manuscrito (i. é, do códice).

Cambráia (2005, p. 26)

Funções

(Santiago-Almeida, 2009)

- **Substantiva**

- **Concentra-se** no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para publicação.

- **Adjetiva**

- **Deduz-se** do texto o que, necessariamente, não está nele: autoria, biografia do autor, datação, posição na produção literária do autor e da época, avaliação estética (valorização).

- **Transcendente**

- **Reconstitui-se** a vida cultural de um povo em dada época.

Funções

(Santiago-Almeida, 2009)

Na prática,

a função **substantiva** tem a ver com a tarefa da Crítica textual (filologia no seu sentido mais estreito), mas podemos estendê-la a todas as acepções dessa disciplina, considerando que qualquer que seja o objetivo do filólogo, ele terá como base o texto escrito.

Daí, toda decisão relacionada ao **tipo** e aos **critérios de edição** desse texto poderá influenciar no resultado do estudo almejado.

Atividade de avaliação principal

Roteiro da atividade de avaliação principal

Composição: até seis componentes

Data de entrega: até **21 de dezembro de 2023**

Nota: até 12 pontos

1. Fazer a edição/estabelecimento do soneto mantendo todas as características estruturais ou topográficas (utilizar a *Chave de símbolos**), gráficas (ortografia, pontuação e acentuação) e linguísticas. Fazer também a edição modernizada, atualizando ortografia, acentuação gráfica e pontuação.

2. Levantar informações, no próprio documento e fora dele, que constatem e comprovem a autoria, a datação e possível destinatário do soneto.

3. Desenvolver algum tema de natureza cultural e/ou histórica e/ou social e/ou política sugerido pelo manuscrito (considerar, para tanto, as referências onomásticas e históricas, dentre outras particularidades).

4. Destacar e comentar algum aspecto possível de análise de natureza (4.1) ortográfica, incluindo a pontuação e acentuação gráfica e (4.2) paleográfica (traçado de letras).

Bônus: caso queira **acrescentar até 2 pontos** no valor da atividade, (4.3) linguística a escolher (por exemplo: semântico-lexical, discursivo etc.).

Chave de símbolos*

□	espaço deixado em branco pelo autor
*	leitura conjecturada
†	palavra ilegível
//	secção afetada por emenda seguinte
< >	segmento autógrafo riscado
< >/ \	substituição por superposição, na relação <substituído>/substituto\
< >[↑]	substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior
[↑]	acréscimo na entrelinha superior
[↓]	acréscimo na entrelinha inferior
[→]	acréscimo na margem direita
[←]	acréscimo na margem esquerda
< † >	riscado autógrafo ilegível

Castro (2015, p. 110)

Soneto sem feyo

sem

Medida

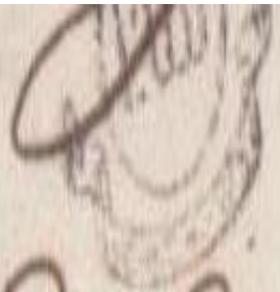
Quem vos sabe o grão Tódin Patroco
 Eis me aqui chegado da cidade
 A fazer suspender tua cruetidade
 Expressada em teu semblante Brusco.

Não temas que t'ataque o gado Furo

Pelo já meir em outra idade...

~~apresenta~~ semelhante porquidade

Pelo ~~para~~ sequia que ~~se~~ ^{ocorre} de Chamusca.



Não te mostres agora em grande aperto,

Não grites 'O Mutiladas.. O Mexicana.. Corra..'

Pois fazer tal azoformação he ~~haver~~ dyacerto.

Eu não quero que nenhum bem morra.
Por isso vim da cidade um dia incerto
Propósito ao longeucho dar-te a vida.

Tipos de edição

(Santiago-Almeida, 2009)

O tipo de edição de um texto pode variar dependendo de sua finalidade, da intenção de quem edita e também do número de testemunhos existentes (cópias, edições, reproduções).

Basicamente são **cinco** os tipos de edição, diferenciando-se pelo grau de interferência do editor:

- 1. Fac-similar**
- 2. Diplomática**
- 3. Semidiplomática**
- 4. Modernizada**
- 5. Crítica**

Essa tipologia e suas respectivas particularidades podem variar entre manuais e autores, dependendo da escola e tradição de cada um.

Tipos de edição

(Santiago-Almeida, 2009)

Dois tipos de edição, mais comuns a textos modernos e contemporâneos com variantes autorais: (i) Pré-textos (notas, esboços, rascunhos e redações transitórias) do texto definitivo, publicado ou não pelo autor; (ii) Edições alteradas em vida.

1. Genética

2. Crítico-Genética

Tipos de edição

(Santiago-Almeida, 2009)

Se se tratar de texto com **testemunho único** (monotestemunhal), comumente, são aplicáveis os quatro primeiros tipos.

1. **Fac-similar** (sinônimos: *fac-similada, fac-símile, fotográfica, mecânica*).

Reprodução da imagem do texto por meios mecânicos: digitalização, fotografia, microfilme, xerografia e outros.

Nesse tipo de reprodução **não há interferência direta** do editor, que ultrapasse os ajustes na imagem reproduzida. Portanto, permite estudo histórico, linguístico em todos os níveis – incluindo pontuação, ortografia e acentuação gráfica –, paleográfico, diplomático e alguns aspectos codicológicos do testemunho que serviu de base para esse tipo de reprodução.

Como de dignas e dalide,
chegazo.

O padre. Respondi q' c'ix
co o' nome n'ro elleg. El disse
ouue hi palanq' q' me pessaz
ca disse q' que este nome uenira
q' nom. n'ra gram bondade de ar
mas. Ecu the disse no f'ille des hi
mas. ca nom. p' de mas. p' de
f'iz. El responde nom. p' q' uo
hi f'ezestes. mas. cu p' h'ui tu
caualleiro q' se tuas. q' uo caua
leiro. como uo te uesse e' tu p'
p' de uenira. redas. e' h'ua orado
da. esto fia. n'ro teste. p' nom. uo
digo. p' n'ra p' q' p' q' he uo
cu quando esto. e' uis. l'extime. h'ie
com. elle. p' f'iz. n'ro. de ar. mas. p'
ueni. p' assi. he. p' n'ra. com. uo
q' ja. mas. nom. p' n'ra. d' n'ra. p' n'ra
da. q' uo. n'ro. aq' caualleiro
h'onde. h'ie. tanto. f'ille. uo

Fac-símiles

PESSOA, Fernando, 1888-1935

O Guardador de Rebanhos / Alberto Caeiro.- [post. Maio 1914].- [39 de 48] p. em 40 f. ; 23,5 x 22 cm

https://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item302/index.html

VICENTE, Gil, ca 1465-ca 1536

[Copilacam de todas as obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco liuros. O primeyro he de todas suas cousas de deuaçam. O segundo as comedias. O terceyro as tragicomedias. No quarto as farsas. No quinto as obras meudas]. - [Lixboa] : [em casa de Ioam Alvarez], [1562]. - CCXLIX f. : il. ; 2º (28 cm)

<https://purl.pt/11494/1/index.html#/1/html>

OLIVEIRA, Fernando, 1507-ca 1581

Grammatica da lingoagem portuguesa. - Em Lixboa : e[m] casa d'Germão Galharde, 27 laneyro 1536. - [38] f. ; 4º (20 cm)

<https://purl.pt/120/1/index.html#/1/html>

Tipos de edição

(Santiago-Almeida, 2009)

2. Diplomática

Reprodução tipográfica ou impressa em que se conservam todas as características estruturais, gráficas e linguísticas do texto, indicando inclusive as interferências de terceiros, sinais públicos e deteriorações provocadas pelo tempo e/ou por insetos.

A **interferência** do editor limita-se à **leitura** ou **decodificação**. Portanto, permite estudo histórico, linguístico em todos os níveis – incluindo pontuação, ortografia e acentuação gráfica do testemunho que serviu de base para esse tipo de edição.

Soneto sem pezo
nem
Medida

Deus vos salve ò Grão Tedim Patusco
Eis me aqui chegado da Cidade
A fazer suspender tua crueldade
Expressada em teu semblante Brusco.

Não temas que t'ataque o Gado Fusco
Disse já uzei em outra idade...
Agora Porquanto semelhante porquidade
Deixo para ao Sequeira que he amante de Chamusco.

Não te mostres agora em grandê aperto.
Não grites ò Mathildes!! ò menina!! Côrra!!
Pois fazer tal azafama he hum dezacerto.

Eu não quero que nenhum Peru môrra.
Por isso vim da Cidade em dia incerto
Depreposito no Engenho dar-te cõ-a P...

Diplomática

Sonetto sem pezo
nem
Medida

Deus vos salve ò Grão Tedim Patusco
Eis me aqui chegado da Cidade
A fazer suspender tua crueldade
Expressada em teu semblante Brusco.

Não temas que t'ataque o Gado Fusco
Disse já uzei em outra idade...
Agora Porquanto semelhante porquidade
Deixo para ao Sequeira que he amante de Chamusco.

Não te mostres agora em grandê aperto.
Não grites ò Mathildes!! ò menina!! Côrra!!
Pois fazer tal azafama he hum dezacerto.

Eu não quero que nenhum Peru môrra.
Por isso vim da Cidade em dia incerto
Depreposito no Engenho dar-te cõ-a P...

Tipos de edição

(Santiago-Almeida, 2009)

3. Semidiplomática (sinônimos: *conservadora*, *diplomático-interpretativa*, *interpretativa*, *paleográfica*, *paradiplomática*).

Reprodução tipográfica que consiste no **desenvolvimento das abreviaturas** dentre outras possíveis interferências do editor.

O **grau de interferência é variável**: fronteira vocabular, emprego de maiúscula e minúscula, eliminação de partes tachadas, acréscimo (por inferência evidente) de partes inteligíveis provocadas por deterioração de natureza diversa do suporte. Portanto, permite estudo histórico, linguístico em todos os níveis – incluindo pontuação, ortografia e acentuação gráfica do testemunho que serviu de base para esse tipo de edição.

Diplomática

Sonetto sem pezo
nem
Medida

Deus vos salve Ò Grão Tedim Patusco
Eis me aqui chegado da Cidade
A fazer suspender tua crueldade
Expressada em teu semblante Brusco.

Não temas que t'ataque o Gado Fusco
Disso já uzei em outra idade...
Agora Porquanto semelhante porquidade
Deixo para ao Sequeira que he amante de Chamusco.

Não te mostres agora em grand'aperto.
Não grites Ò Mathildes!! Ò menina!! Côrra!!
Pois fazer tal azafama he hum dezacerto.

Eu não quero que nenhum Peru môrra.
Por isso vim da Cidade em dia incerto
Deprepósito no Engenho dar-te có=a P...

Semidiplomática

Sonetto sem pezo
nem
Medida

Deus vos salve Ò Grão Tedim Patusco
Eis me aqui chegado da Cidade
A fazer suspender tua crueldade
Expressada em teu semblante Brusco.

Não temas que t'ataque o Gado Fusco
Disso já uzei em outra idade...
Porquanto semelhante porquidade
Deixo ao Sequeira qu'he amante de Chamusco.

Não te mostres agora em grand'aperto.
Não grites Ò Mathildes!! Ò menina!! Côrra!!
Pois fazer tal azafama he dezacerto.

Eu não quero que nenhum Peru môrra.
Por isso vim da Cidade em dia incerto
Deprepósito no Engenho dar-te có=a Pôrra

Como Dondignas e Dalides
 chegaram.

O padre perguntou que eixeo
 co ouuora nuncie elles. El disse
 ouue hi palavras que me pessaz
 ca disse que que este torneio uenera
 que nom nua gram bondade de ar
 mas. E eu lhe disse no falledes hi
 mais, ca nom pode mais fazer do que
 fiz. El respondeu nom sei que uos
 hi fezeistes, mas eu sei hui tal
 cavalleiro que se mais quier caua
 leiros como uos teuesse e taes
 que uenera todas chua orado
 da esto fia muy teste e nom uolo
 digo senam por que sei que he verdade
 Eu quando esto ouui leixei-me ir
 contra ele e fiz tanto de armas que
 uenci e assi he pretejado comigo
 que ja mais nom saia da minha prisam
 ataa que me mostre aqel cavalleiro
 onde he tanto fallido

72. Como Dondignas e Dalides chegaram.

O padre o perguntou que eixeco houera antre eles. E el disse:
 — Houve i palavras que me pesarom ca disse que quem este torneio ven-
 cera que nom havia gram bondade de armas. E eu lhe disse: «Nom faledes
 i mais, ca nom pode mais fazer do que fiz». E el respondeu: «Nom sei que
 vós i fezeistes, mas eu sei uũ tal cavaleiro que, se taes quatro cavaleiros como
 vós tevesse em campo, [25, b] que os venceria todos em uia hora do dia. Esto
 seria mui toste. E nom vo-lo digo se nam porque sei que é verdade». Eu,
 quando esto ouvi, leixei-me ir contra ele e fiz tanto de armas que o venci
 e assi é pretejado comigo que ja mais nom saia da minha prisam ataa que
 me mostre aquel cavaleiro onde me tanto falou.

Tipos de edição

(Santiago-Almeida, 2009)

4. Modernizada

Reprodução tipográfica que atinge o maior grau de interferência de quem edita.

É possível haver alteração ilimitada nos níveis linguístico e ortográfico. Portanto, permite apenas estudo no âmbito histórico e linguísticos que foram mantidos do testemunho que serviu de base para esse tipo de edição.

Semidiplomática

Sonetto sem pezo
nem
Medida

Deus vos salve Ò Grão Tedim Patusco
Eis me aqui chegado da Cidade
A fazer suspender tua crueldade
Expressada em teu semblante Brusco.

Não temas que t'ataque o Gado Fusco
Disso já uzei em outra idade...
Porquanto semelhante porquidade
Deixo aoSequeira qu'he amante deChamusco.

Não te mostres agora em grand'aperto.
Não grites Ò Mathildes!! Ò menina!! Côrra!!
Pois fazer tal azafama he dezacerto.

Eu não quero que nenhum Peru môrra.
Por isso vim da Cidade em dia incerto
Deprepósito no Engenho dar-te cõ=a P[ôrra]

Modernizada

Soneto sem peso
nem
Medida

Deus vos salve, ó Grão Tedim Patusco
Eis me aqui chegado da cidade
A fazer suspender tua crueldade
Expressada em teu semblante brusco.

Não temas que t'ataque o gado fusco
Disso já usei em outra idade...
Porquanto semelhante porquidade
Deixo ao Sequeira qu' é amante de chamusco.

Não te mostres agora em grand'aperto.
Não grites ó Mathildes!! Ó menina!! Corra!!
Pois fazer tal azáfama é desacerto.

Eu não quero que nenhum peru morra.
Por isso vim da cidade em dia incerto
De propósito no engenho dar-te coa porra

I O CAPANGA

Eram dous, elle e ella, ambos na flor da belleza e da mocidade.

O viço da saúde rebentava-lhes no encarnado das faces, mais avelludadas que a assucena escarlate recém aberta alli com os orvalhos da noite. No fresco sorriso dos lábios, como nos olhos límpidos e brilhantes, brotava-lhes a seiva d'alma.

Ella, pequena, esbelta, ligeira, buliçosa, saltitava sobre a relva, garrula e scintillante do prazer de pular e correr; saciando-se na delicia ineffavel de se diffundir pela criação, e sentir-se flor no regaço daquela natureza luxuriante.

Ele, alto, ágil, de talhe robusto e bem conformado, calcando o chão sob o grosseiro socco da bota com a bizzarria de um príncipe que pisa as ricas alfombras, seguia de perto a gentil companheira, que folgava pelo campo, a volutear e fazendo-lhe mil negaças, como a borboleta que zomba dos esforços inúteis da criança para a colher.

I - O capanga

Eram dois, ele e ela, ambos na flor da beleza e da mocidade.

O viço¹ da saúde rebentava-lhes no encarnado² das faces, mais aveludadas que a açucena³ escarlate⁴ recém-aberta ali com os orvalhos da noite. No fresco sorriso dos lábios, como nos olhos límpidos e brilhantes, brotava-lhes a seiva d'alma.

Ela, pequena, esbelta, ligeira, buliçosa,⁵ saltitava sobre a relva,⁶ garrula⁷ e cintilante do prazer de pular e correr; saciando-se na delícia inefável⁸ de se difundir pela criação e sentir-se flor no regaço⁹ daquela natureza luxuriante.¹⁰

Ele, alto, ágil, de talhe¹¹ robusto e bem conformado, calcando o chão sob o grosseiro soco da bota¹² com a bizzarria¹³ de um príncipe que pisa as ricas alfombras,¹⁴ seguia de perto a gentil companheira, que folgava pelo campo, a volutear e fazendo-lhe mil negaças,¹⁵ como a borboleta que zomba dos esforços inúteis da criança para a colher.

1 viço: frescor; vigor

2 encarnado: vermelho

3 açucena: lírio

4 escarlate: vermelho forte

5 buliçoso: que se movimenta muito, irrequieto

6 relva: lugar coberto por plantas rasteiras; gramado

7 garrula: muito falante

8 inefável: indescritível; indizível

9 regaço: meio; interior

10 luxuriante: exuberante; muito diversificada

11 talhe: torso

12 soco (ó) da bota: sola da bota

13 bizzarria: elegância; postura

14 alfombra: tapete

15 negaça: provocação

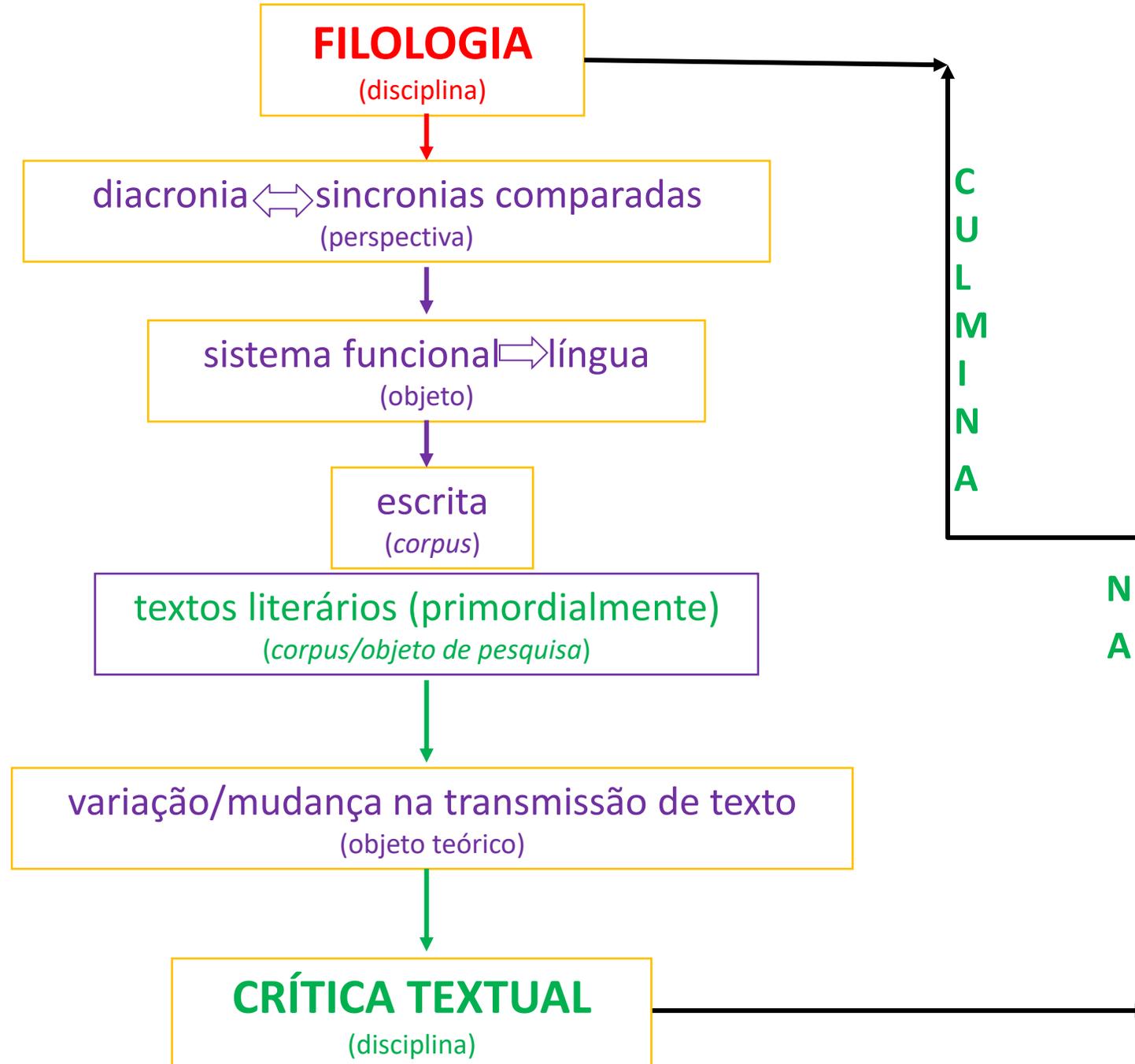
Como Dondinax e Dalides
chegaram.

O pai lhe perguntou que cize
co ouuom nuncie elles. El disse
ouue hi palavras q me pessaz
ca disse q que este torneio uencia
q nom nua gram bondade de ar
mas. Sen the disse no fultede hi
maiz ca nom pode maiz fiz do q
fiz. El respondeu nom sei q uos
hi fizestes, maiz eu sei hui tal
cavalheiro q se maiz quio caua
leiros como uos tenesse e tapo
qae uenciaia todas e hua orado
da esto fia muy teste p nom uolo
digo senam porq sey q he uidade
Eu quando esto o uis leixame hu
com elle p fiz tanto de armas q
uenci p assi he ptejado comigo
q ja maiz nom saia da minha pte
Ata q me mostre aq cavalheiro
bonda he tanto fultu

72. *Como Dondinax e Dalides chegaram.* O pai lhe perguntou que contenda houuera entre eles. E ele disse:

— Houve lá palavras que me pesaram, porque disse que quem este torneio vencera não tinha grande bondade de armas. E eu disse-lhe: “Não faríeis mais, porque ninguém pôde fazer mais do que eu fiz.” E ele respondeu: “Não sei o que fizestes, mas conheço um tal cavaleiro que, se tais quatro cavaleiros como vós tivesse no campo, os venceria a todos na mesma hora do dia; isto seria mais rápido; e não vo-lo digo, senão porque sei que é verdade.” E quando isto ouvi, deixei-me ir contra ele e fiz tanto de armas, que o venci e assim está ajustado comigo que nunca saia da minha prisão até que me mostre aquele cavaleiro de quem me tanto falou.

Crítica textual



Crítica textual fornece instrumentos teórico-metodológicos que guiam o estabelecimento do texto literário, restituindo-lhe [teoricamente] sua **genuinidade** (supostamente trata-se da última versão autoral ou de maior autoridade ou vista ou autorizada pelo autor, publicada ou não com o **autor vivo**) e o prepara para ser publicado.

Tipos de edição/reprodução₅

(Santiago-Almeida, 2009)

Tratar-se, portanto, de **texto politemunhal**, com diferenças ou **variantes não autorais > (edições póstumas)**. Nesse caso, o tipo de reprodução aplicável, tradicionalmente, é a **CRÍTICA**.

A essa categoria de texto com mais de um testemunho, todas as outras reproduções também podem ser empregadas.

Edição crítica: fixação ou estabelecimento de **texto escrito** – primordialmente **literário**, antigo e moderno, manuscrito e impresso – em sua **forma** ou **versão**, teoricamente, **original** ou **genuína** (supostamente trata-se da última versão autoral ou de maior autoridade ou vista ou autorizada pelo autor, publicada ou não com o autor vivo)

Tem, portanto, por finalidade **retirar** todas as **alterações não autorais** que possam ter ocorrido no decurso da transmissão do texto ao longo do tempo.

Fases da edição crítica

Para se fazer uma edição crítica, via de regra, segue-se o método criado pelo fundador da moderna Crítica textual, o alemão Karl Lachmann (1793-1851).

Duas etapas:

1ª *RECENSÃO*

2ª *EMENDA*

Base do método: **TEXTOS ANTIGOS**, cujo original pode estar perdido, a finalidade é, no processo de edição, reconstituí-lo, estabelecendo seu **arquétipo** (*texto restaurado como antepassado comum da tradição textual, compreendendo as diferentes cópias, e que não se deve confundir com o original perdido*), teoricamente eliminando os efeitos de ruídos: que são as interferências supostamente não autorais que foram produzidas no decorrer de sua transmissão.

Fases da edição crítica

A **primeira etapa**: *RECENSÃO*, consiste no levantamento dos testemunhos existentes da **tradição direta** (edições da obra) e **indireta** (anotações de segunda mão: traduções, citações, adaptações, etc).

Fases da edição crítica

Seguem-se, nesta primeira etapa, estas fases:

COLAÇÃO: confronto ou cotejo dos testemunhos.

ELIMINAÇÃO: rejeição dos testemunhos coincidentes. Mantem-se o mais antigo ou mais próximo do autor vivo.

ESTEMÁTICA: composição da genealogia ou da árvore genealógica dos testemunhos.

Fases da edição crítica

A **segunda etapa**: *EMENDA*, consiste na correção dos erros e seleção de variantes existentes nos testemunhos.

APARATO CRÍTICO ou *APARATO DAS VARIANTES*

Conjunto de notas ou de referências que permite ao leitor acompanhar a reconstrução do texto genuíno e, ao mesmo tempo, justifica as escolhas feitas pelo editor crítico.

Tipos de aparato crítico

Positivo: dá conta de todas as *variantes convergentes* e *variantes divergentes*, COM identificação dos testemunhos.

Exemplo: *amor* [A, B] | *desejo* [C], sendo *amor* a variante estabelecida na edição crítica e convergente entre os testemunhos A e B, e *desejo* a variante do testemunho C, divergente e descartada na edição crítica.

Um dever amaríssimo!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a **prolongar** as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cosi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata **de mola**. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez **neste** mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um **aro** de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não **aquele** vagar arrastado dos preguiçosos, mas um **vagar** calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

servir [A, B, C, F] | **serviam** [a, G, I] | **servia** [D, E, H]

prolongar [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **esticar** [a]

de mola [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **da moda** [a]

neste [a, A, B, C, F, G, H, I] | **no** [D, E]

aro [a, A, B, C, F, G, I] | **arco** [D, E, H]

aquele [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **do** [a]

um [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **daquele outro** [a]

vagar [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **vagar solene** [a]

Tipos de aparato crítico

Negativo₁: dá conta de todas as *variantes convergentes* e *variantes divergentes*, SEM identificação dos testemunhos.

Exemplo: *amor* | *desejo*, sendo *amor* a variante estabelecida na edição crítica, e *desejo* a variante descartada na edição crítica.

Um dever amaríssimo!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a **prolongar** as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cobiçava muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodapé e gravata **de mola**. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez **neste** mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um **aro** de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodapé de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não **aquele** vagar arrastado dos preguiçosos, mas um **vagar** calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

servir | serviam | servia

prolongar | esticar

de mola | da moda

neste | no

aro | arco

aquele | do

um | daquele outro

vagar | vagar solene

Tipos de aparato crítico

Negativo₂ (*CANÔNICO*): dá conta apenas das variantes descartadas pelo editor, COM identificação dos testemunhos.

Um dever amaríssimo!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a **prolongar** as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cosi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodague e gravata **de mola**. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez **neste** mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um **arco** de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodague de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não **aquele** vagar arrastado dos preguiçosos, mas um **vagar** calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

serviam [a, G, I] | **servia** [D, E, H]

esticar [a]

da moda [a]

no [D, E]

arco [D, E, H]

do [a]

daquele outro [a]

vagar solene [a]

Tipos de aparato crítico

Negativo₃: dá conta apenas das variantes descartadas pelo editor, SEM identificação dos testemunhos.

Um dever amaríssimo!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a **prolongar** as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cobiçava muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodapé e gravata **de mola**. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez **neste** mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um **arco** de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodapé de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não **aquela** vagar arrastado dos preguiçosos, mas um **vagar** calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

serviam | servia
esticar
da moda
no
arco
do
daquele outro
vagar solene

Por fim

Na sua forma completa, a edição crítica inclui:

Introdução, com informações codicológicas (descrição do testemunho: suporte, tinta, encadernação, paginação, cosedura, chancelas de arquivos, reconstrução das fases de elaboração do testemunho e a história de sua utilização), informações bibliográficas, linguísticas, socioculturais, estemática (genealogia dos testemunhos), e descrição dos critérios adotados para a transmissão.

Etapas de análise numa edição crítica concluída:

- 1) Levantamento, quantificação e classificação das variantes (Blecua, 1990).
- 2) Identificação de padrões universais e particulares que atuam nas alterações.
- 3) Correlação de tipos e gêneros textuais e os padrões mais atuantes nas alterações.
- 4) Investigação cronológica das variantes: gênese e transmissão.
- 5) Identificação e categorização de motivos para o surgimento das variantes.
- 6) Estudo das influências ou efeitos das alterações numa análise crítico-literária, linguística e histórica do texto e seu autor.

DOM CASMURRO

MACHADO DE ASSIS

(EDIÇÃO CRÍTICA ATUALIZADA)

ESTABELECIMENTO DO TEXTO E ESTUDO DE VARIANTES

MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO-ALMEIDA

PREFÁCIO : HELIO DE SEIXAS GUIMARÃES



Bibliografia dos testemunhos

Assis, M. de. Um agregado. (Capítulo de um livro inédito). *Republica*. RJ, 15-XI-1896, p.1.

_____. *Dom Casmurro*. 1ª ed. Paris/Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899.

_____. *Dom Casmurro*. 2ª ed. Paris/Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1900.

_____. *Dom Casmurro*. 5ª ed. Paris/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Clube do Livro, 1950.

_____. *Dom Casmurro*. W. M. Jackson Inc.; Editores. RJ/Paris: Livraria Garnier, 1957.

_____. *Dom Casmurro*. Edição Crítica. RJ/Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1977.

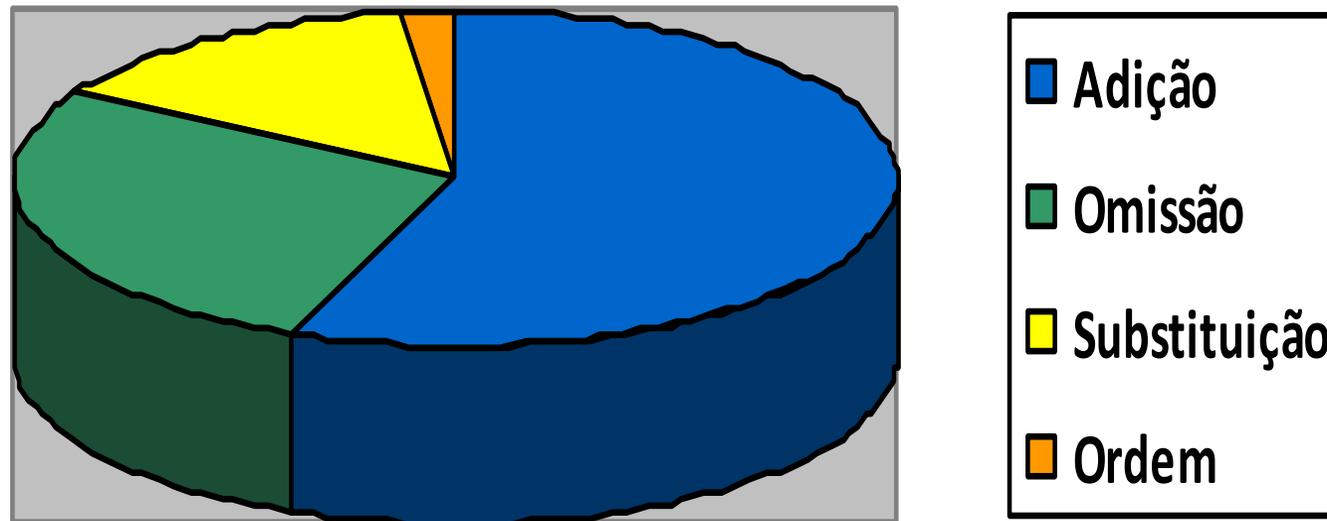
_____. *Dom Casmurro*. Estabelecimento do texto e notas de A. da G. Kury. RJ: Livraria Garnier, 1992.

_____. *Dom Casmurro*. Brasília: Biblioteca Digital do MEC, 2008. Link: (<http://machado.mec.gov.br/>).

_____. *Dom Casmurro*. Fixação do texto e notas, M. M. Santiago-Almeida; prefácio, John Gledson. São Paulo: Globo, 2008.

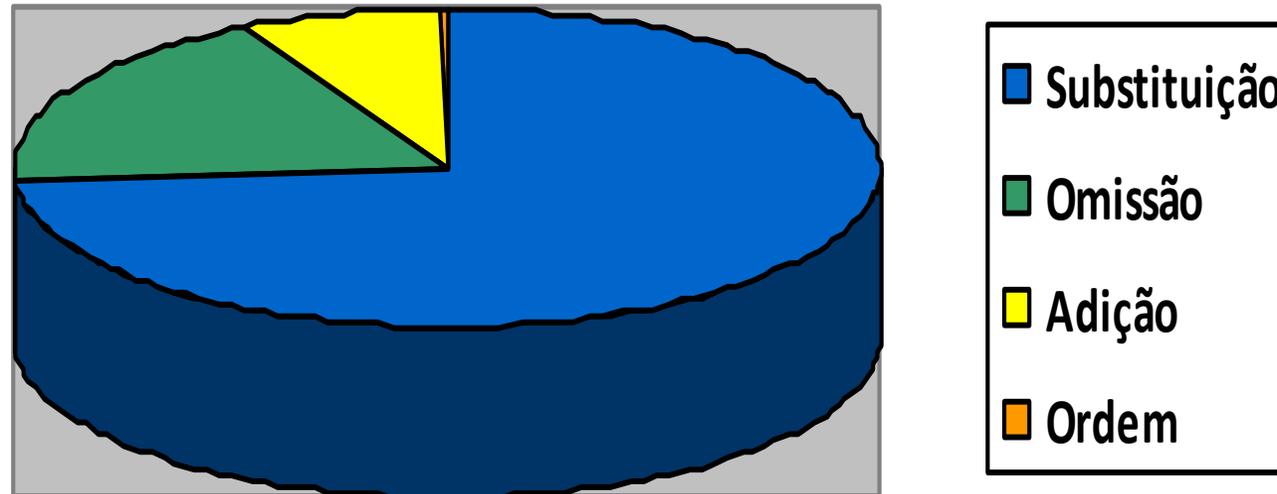
Capítulo	Variante 1ª edição (1899)	Variante 2ª edição (1900)	Lugar crítico	Texto estabelecido
VIII	E tempo!	E tempo.	Título, p. 39	É tempo!
XXVIII	à	na	1º §, p. 71	como era na rua
CXLVIII	E bem	E bem	Título, p. 242	É bem, e resto

Das 484 modificações de **pontuação**, 272 ou 56% são **adições**, 132 ou 27,5% são **omissões**, 70 ou 14,5% são **substituições** e 10 ou 2% são **alterações de ordem**.



Das 301 mudanças de **léxico** e de **aspectos morfossintáticos**, 222 ou **74%** são **substituições**, 56 ou **18,5%** são **omissões**, 22 ou **7%** são **adições** e apenas uma ou, aproximadamente, **0,5%** é de **alteração de ordem**.

A predominância de **substituição** - já assinalada em outros estudos - confirma o **padrão universal** no processo de transmissão de textos.



A categoria que prevalece nas modificações da **pontuação**

Adição: 272/484 → (56%)

Evidenciada a partir da terceira tradição (1937), refletido no testemunho D (1950), da Editora Clube do Livro, e seguido pelo testemunho E (1957), de W. M. Jackson Editores, o último da quinta tradição, com algum eco no testemunho H (2008), da Biblioteca Digital do MEC, fixado a partir de exemplar que é extensão da sexta tradição, iniciada em 1959 pela Editora José Aguilar.

A categoria que prevalece nas modificações de **léxico** e de **aspectos morfossintáticos**

Substituição: 222/301 → (74%)

A predominância de **substituição**, que confirma o **padrão universal** no processo de transmissão de textos, também está evidenciada a partir da terceira tradição (1937), refletido no testemunho D (1950), da Editora Clube do Livro, e seguido pelo testemunho E (1957), de W. M. Jackson Editores, o último da quinta tradição, com algum eco no testemunho H (2008), da Biblioteca Digital do MEC, fixado a partir de exemplar que é extensão da sexta tradição, iniciada em 1959 pela Editora José Aguilar.

Variantes AUTORAIS de léxico e aspectos morfossintáticos

Substituição: 56/80 → (70%)

Adição: 13/80 → (16,25%)

Omissão/subtração: 10/80 → (12,5%)

Inversão: 1/80 → (1,25%)

A predominância de **substituição**, que confirma o **padrão universal** no processo de transmissão de textos.

(a) *Um agregado* – capítulo de um livro inédito. In: *Republica*. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1896. Trata-se da primeira redação parcial publicada do romance, centrando a narrativa em José Dias, o Agregado. Na forma definitiva de *Dom Casmurro*, o texto que compõe *Um agregado* está distribuído nos capítulos III, IV, V e VII. Na elaboração da Edição Crítica, a Comissão Machado de Assis também o elege como primeiro testemunho, e o identifica com alfa minúsculo (α), donde se subentende que a Comissão o considerou como subarquétipo.

Os motivos que regem o surgimento ou a gênese das variantes são de variada ordem e identificam a **natureza** dessas **variantes**. São quatro casos:

- I. Erro de cópia;
- II. Questão gramatical;
- III. Censura;
- IV. Questão estilística.

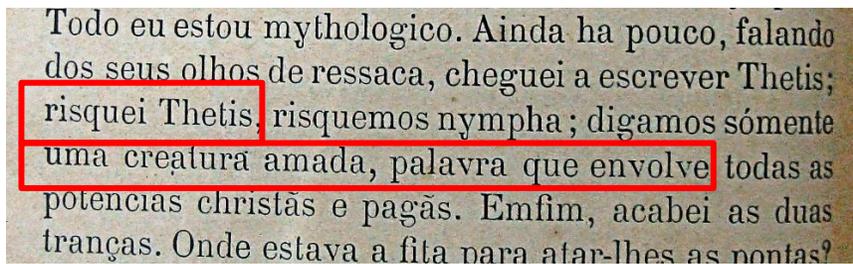
Erro de cópia

XXXIII O penteado.

Ainda ha pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Thetis; **risquei Thetis**,¹ risquemos nympha; digamos somente **uma criatura amada, palavra que envolve**² todas as potencias christãs e pagãs. Emfim, acabei as duas tranças.

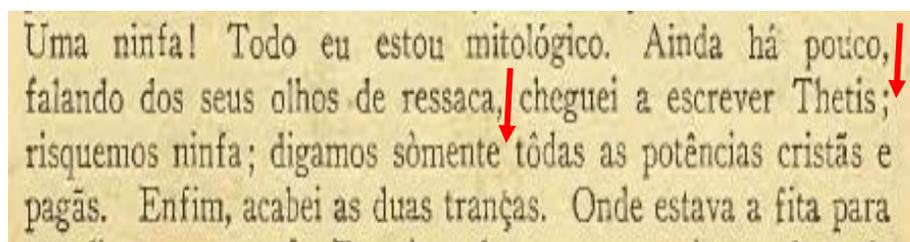
¹ risquei tetis, [A, B, C, F, G, H, I] | ø [D, E]

² uma criatura amada, palavra que envolve [A, B, C, F, G, H, I] | ø [D, E]



Todo eu estou mythologico. Ainda ha pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Thetis; **risquei Thetis**, risquemos nympha; digamos sómente **uma criatura amada, palavra que envolve** todas as potencias christãs e pagãs. Emfim, acabei as duas tranças. Onde estava a fita para atar-lhes as pontas?

1900, 2ª edição



Uma ninfa! Todo eu estou mitológico. Ainda há pouco, falando dos seus olhos de ressaca, cheguei a escrever Thetis, risquemos ninfa; digamos sómente tôdas as potências cristãs e pagãs. Enfim, acabei as duas tranças. Onde estava a fita para

1950, Clube do Livro

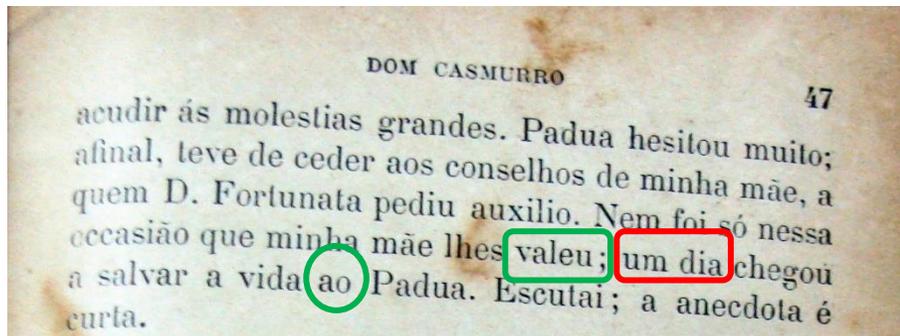
Questão gramatical

XVI

O administrador interino.

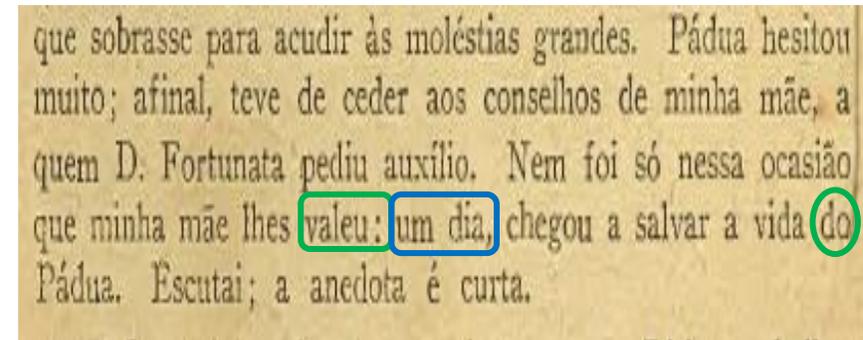
Padua hesitou muito; afinal, teve de ceder aos conselhos de minha mãe, a quem D. Fortunata pediu auxílio. Nem foi só nessa ocasião que minha mãe lhes valeu; um dia chegou a salvar a vida **ao**¹ Padua. Escutai; a anedota é curta.

¹ ao [A, B, C, F, G, I] | do [D, E, H]



1900, 2ª edição

Pádua hesitou muito; afinal, teve de ceder aos conselhos de minha mãe, a quem D. Fortunata pediu auxílio. Nem foi só nessa ocasião que minha mãe lhes **valeu**; **um dia** chegou a salvar a vida **do** Pádua. Escutai; a anedota é curta.



1950, Clube do Livro

2008, MEC

<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf>

1900, 2ª edição

jasse uma quéda; a algumas adivinhei que trazia
as meias esticadas e as ligas justas... Tal haveria
que nem levasse meias... Mas eu as via com ellas...

1977, Edição Crítica

653 Creio que foi “manha” que ele disse; eu fiquei “nos joelhos
arranhados”. Dali em diante, até o seminário, não vi mulher na rua,
a quem não desejasse uma queda; a algumas adivinhei que traziam as
meias esticadas e as ligas justas... Tal haveria que nem levasse
meias... Mas eu as via com elas... Ou então... Também é
possível...

1900, 2ª edição

vesse lendo de verdade; creio que era quando os olhos me caíam na palavra do fim da página, e a mão, acostumada a ajudá-los, faziam o seu ofício...

1977, Edição Crítica

dia, ainda que mais breve. Era um encanto ir por ele; às vezes, inconscientemente, dobrava a folha como se estivesse lendo de verdade; creio que era quando os olhos me caíam na palavra do fim da página, e a mão, acostumada a ajudá-los, fazia o seu ofício...

1900, 2ª edição

voltávamos á noite para a Gloria, vínhamos suspi-
rando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao
ceu que nol-as matassem...

1977, Edição Crítica

A pequena era graciosa e gorducha, faladeira e curiosa. Os pais, como
os outros pais, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós,
quando voltávamos à noite para a Glória, vínhamos suspirando as
nossas invejas, e pedindo mentalmente ao céu que no-las matassem...

1900, 2ª edição

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a prolongar as phrases. Levantou-se para ir

1977, Edição Crítica

36 JOSÉ DIAS amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa.

1992, Garnier

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, **serviam** a prolongar as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que

2008, MEC

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, **servia** a prolongar as frases.

Um dever amaríssimo!

José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, **servir** a **prolongar** as frases. Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. Cosi-me muito à parede, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodague e gravata **de mola**. Foi dos últimos que usaram presilhas no Rio de Janeiro, e talvez **neste** mundo. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um **aro** de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodague de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinquenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não **aquele** vagar arrastado dos preguiçosos, mas um **vagar** calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!

servir [A, B, C, F] | **serviam** [a, G, I] | **servia** [D, E, H]

prolongar [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **esticar** [a]

de mola [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **da moda** [a]

neste [a, A, B, C, F, G, H, I] | **no** [D, E]

aro [a, A, B, C, F, G, I] | **arco** [D, E, H]

aquele [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **do** [a]

um [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **daquele outro** [a]

vagar [A, B, C, D, E, F, G, H, I] | **vagar solene** [a]

Censura

VII
D. Glória.

1900, 2ª edição

Concluo que não se devem abolir as loterias. Nenhum premiado as accusou ainda de immoraes, como ninguem tachou de má a **boceta** de Pandora, por lhe ter ficado a esperança no fundo; em

vida, continuar um sonho provavelmente. Quando a loteria e Pandora me aborrecem, ergo os olhos para elles, e esqueço os bilhetes brancos e a **boceta** fatídica. São retratos que valem por originaes. O de

1950, Clube do Livro

Concluo que não se devem abolir as loterias. Nenhum premiado as accusou ainda de imorais, como ninguém tachou de má a **bolsa** de Pandora, por lhe ter ficado a esperança no fundo; em alguma parte, há de ela ficar. Aqui os tenho aos dois bem casados de outrora, os bem-amados, os bem-aventurados, que se foram desta para a outra vida, continuar um sonho provavelmente. Quando a loteria e Pandora me aborrecem, ergo os olhos para êles, e esqueço os bilhetes brancos e a **bolsa** fatídica. São retratos que valem por originaes. O de minha mãe, estendendo a flor ao marido, parece dizer: "Sou

O protonotário apostólico

1900, 2ª edição: ocorrência 3, cap. 35

Cabral ouvia com gosto a repetição do título. Estava em pé, dava alguns passos, sorria ou tamborilava na tampa da **boceta**. O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, posto que, para ligal-o ao nome, era demasiado comprido; esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fez. Padre Ca-

1950, Clube do Livro: ocorrência 3, cap. 35

Cabral ouvia com gôsto a repetição do título. Estava em pé, dava alguns passos, sorria ou tamborilava na tampa da **caixa**. O tamanho do título como que lhe dobrava a magnificência, pôsto que, para ligá-lo ao nome, era demasiado comprido; esta segunda reflexão foi tio Cosme que a fêz. Padre Cabral acudiu

Questão estilística

Versão com maior autoridade [a ser estabelecida]: E bem, ou É bem, ?

CXLVIII
É BEM, E O RESTO?

1992, Garnier

CAPÍTULO CXLVIII
E bem, e o resto?

1977, edição crítica

CXLVIII
E bem, e o resto?

1900, 2ª edição

CXLVIII
E bem, e o resto?

1899, 1ª edição

Texto do capítulo

1422 E bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a
suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira

1977, edição crítica

É bem, qualquer que seja a solução,

1900, 2ª edição

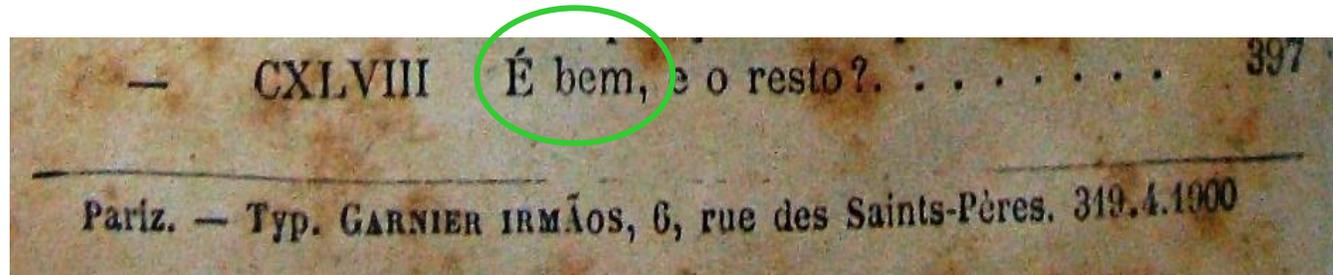
É bem, qualquer que seja a solução, uma cousa

1899, 1ª edição

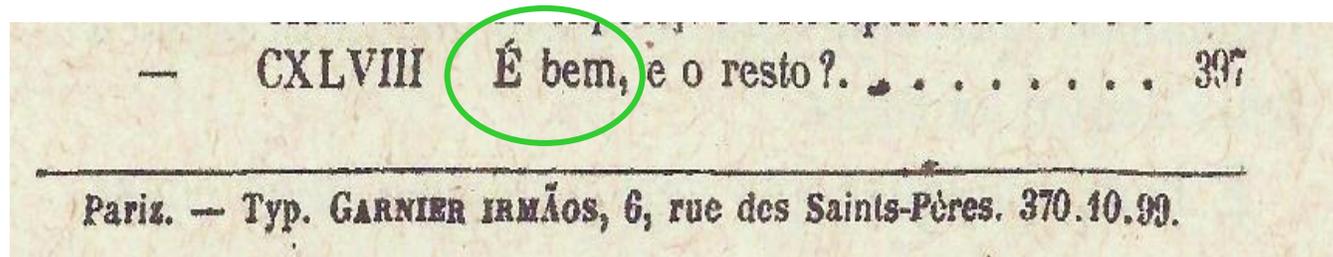
Índice

CXLVIII - E bem, e o resto?.....

1977, edição crítica



1900, 2ª edição



1899, 1ª edição

VIII

E tempo!

Mas **é** tempo de tornar áquella tarde de Novembro, uma tarde clara e fresca, socegada como a nossa casa e o trecho da rua em que moravamos. Verdadeiramente foi o principio da minha vida; tudo o que succedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em scena, o accender das luzes, o preparo das rabeças, a symphonia... Agora é que eu ia começar a minha opera.

— VIII

É tempo!

IV

VIII

E tempo.

Mas **é** tempo de tornar áquella tarde de Novembro, uma tarde clara e fresca, socegada como a nossa casa e o trecho da rua em que moravamos.

VIII

É tempo!

Título, texto e índice (1899)

CXLVIII

E bem, e o resto ?

É bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, o resto dos restos, a saber, que a minha

— CXLVIII **É bem, e o resto ?** 397

Pariz. — Typ. GARNIER IRMÃOS, 6, rue des Saints-Pères. 370.10.99.

Título, texto e índice (1900)

CXLVIII

E bem, e o resto?

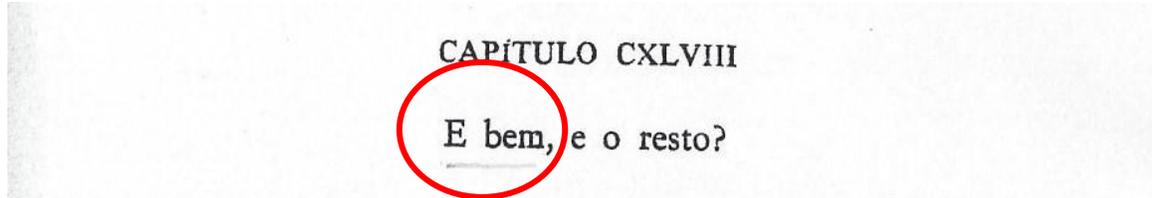
reconhecer que uma estava dentro da outra, como a
fruta dentro da casca.

É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa

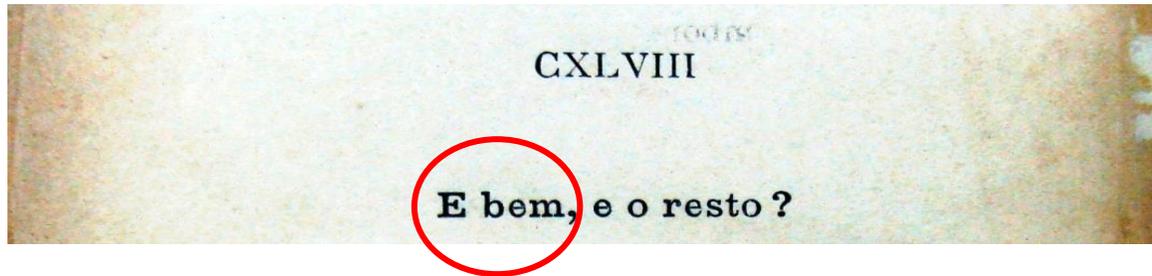
CXLVIII É bem, e o resto?

Título do capítulo CXLVIII

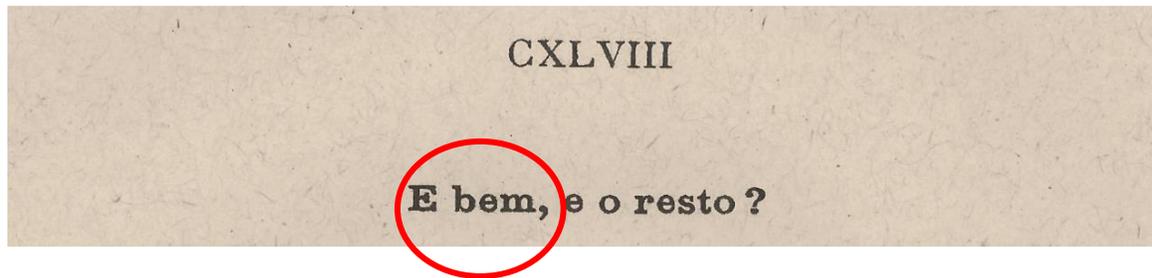
Texto a ser estabelecido: E bem? ou É bem?



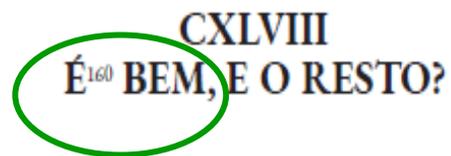
1977, Edição Crítica



1900, 2ª edição



1899, 1ª edição



2021, edição crítica atualizada

Texto a ser estabelecido: **É bem,**

1422 **E bem,** qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a
suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira

1977, Edição Crítica

É bem, qualquer que seja a solução,

1900, 2ª edição

É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa

1899, 1ª edição

CXLVIII
É¹⁶⁰ BEM, E O RESTO?

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirac, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu capítulo IX, versículo 1: “Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.

É¹⁶¹ bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou¹⁶² o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à *História dos subúrbios*.

¹⁶⁰ e [A, B, C, D, E, F, H]

¹⁶¹ e [D, E, F, H]

¹⁶² om. [G]

DOM CASMURRO

MACHADO DE ASSIS

(EDIÇÃO CRÍTICA ATUALIZADA)

ESTABELECIMENTO DO TEXTO E ESTUDO DE VARIANTES
MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO-ALMEIDA

PREFÁCIO : HELIO DE SEIXAS GUIMARÃES



Há mais **dois** tipos de edição, mais comuns a textos modernos e contemporâneos com variantes autorais:

(i) Edição **Genética**.

(ii) Edição **Crítico-Genética**.

(i) Edição **Genética**: contendo pré-textos (notas, esboços, rascunhos e redações transitórias) do texto definitivo, publicado ou não pelo autor.

A: 67-38v [4-3-1914]

p. 19-21

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor
 Pertence ao vento e ao sol
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar...
 Toda a paz da natureza vem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella...

B: 67-2r [20-5-1914]

67-2 15-

p. 19-29

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol.
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar...
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

MS: 145 [post 5-1914]

1889-1915

Como um pôr de sol para a minha alma
 Como um pôr de sol para a minha alma

Triste como um pôr de sol para a minha alma.

I. X

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar...
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

C: 67-1r [post MS, 1914]

p. 19 67-1 51

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse.
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol,
 E anda pela mão das Estações
 A correr e a brincar. (A viver como elles vivem.)
 Toda a paz da natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado;
 Mas eu fico triste, por mi o pôr de sol
 Como um pôr de sol para a minha alma
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite chegar sem se ver
 Como uma borboleta pela janella
 Mas eu fico triste, por mi o pôr de sol
 Como um pôr de sol para a minha alma
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite chegar sem se ver
 Como uma borboleta pela janella

D: 65-60r [post 1914]

65-60 45-

mas eu fico triste, como um pôr de sol
 Para a minha alma
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite chegar sem se ver
 Como uma borboleta pela janella

ATH - "Athena", Lisboa, vol. I (4) Jan. 1925, p. 145

ESCOLHA DE POEMAS DE
ALBERTO CAEIRO
 (1889-1915)

DE «O GUARDADOR DE REBANHOS»
 (1911 - 1912)

I

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse.
 Minha alma é como um pastor,
 Conhece o vento e o sol
 E anda pela mão das Estações
 A seguir e a olhar.
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado.
 Mas eu fico triste como um pôr de sol
 Para a nossa imaginação,
 Quando esfria no fundo da planície
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janella.

1889-1915

Como um fio de sol para a minha vida?
Como um fio de sol parece nos

Triste como um fio de sol para a minha vida.

I. X

Eu nunca guardei rebanhos, ↓
 Mas é como se os guardasse... ↓
 Minha alma é como um pastor, ↓
 Pertence ao vento e ao sol ↓
 E anda pela mão das Estações ↓
 A comer e a brincar... [brincar] ↓
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um fio de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janela.

Minha alma

Combinar

A seguir a adiver. ↓

Para a minha imaginação;

De sente a noite entrar

Como a borboleta que se eleva.

[Handwritten signature]

67-2

p. 19-29

15

I.

Eu nunca guardei rebanhos,
 Mas é como se os guardasse...
 Minha alma é como um pastor,
 Pertence ao vento e ao sol.
 E anda pela mão das Estações
 A comer e a brincar...
 Toda a paz da Natureza sem gente
 Vem sentar-se a meu lado...
 Mas eu fico triste como um fio de sol
 Quando acontece ao fundo do oceano,
 E se sente a noite entrar
 Como uma borboleta pela janela.

1946: Simões & Montalvor

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse. ←
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado. ←
Mas eu fico triste como um pôr do Sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela. ↘

2015: Castro - Edição crítico-genética

1 Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse... ←
3 Minha alma é como um pastor,
4 Conhece o vento e o sol
5 E anda pela mão das Estações
6 A seguir e a olhar.
7 Toda a paz da Natureza sem gente
8 Vem sentar-se a meu lado... ←
9 Mas eu fico triste como um pôr de sol
10 Para a nossa imaginação,
11 Quando se vê acabar lá ao longe
12 E se sente a noite já entrada
13 Como uma borboleta pela janella. ↘

I. ✖

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse...
~~Minha alma é como um pastor,~~
Pertence ao vento e ao sol
E anda pela mão das Estações
A comer e a brincar...
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado...
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Quando acontece ao fundo do oceano,
E se sente a noite entrar
Como uma borboleta pela janela.

1946: Simões & Montalvor

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse. ←
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado. ←
Mas eu fico triste como um pôr do Sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela. ↘

ESCOLHA DE POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

(1889-1915)

DE «O GUARDADOR DE REBANHOS»

(1911 – 1912)

I

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janella.

*se vi a alma lá no fundo
do mundo e ela vem ao fundo
(20. Planície)*

*dentro da casa
com a janela aberta*

1946: Simões & Montalvor

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr do Sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

I. ✕

Eu nunca guardei rebanhos, ↓
Mas é como se os guardasse... ↓
~~Minha alma é como um pastor,~~ ↓
Pertence ao vento e ao sol ↓
t'anda pela mão das Estações ↓
A comer e a brincar... [acompanhar] ↓
Toda a paz da Natureza sem gente ↓
Vem sentar-se a meu lado... ↓
Mas eu fico triste como um pôr de sol parece ser ↓
Quando acontece ao fundo do oceano, ↓
t' se sente a noite entrar ↓
Como uma borboleta pela janella.

2015: Castro - Edição crítico-genética

I

- 1 Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse...
3 Minha alma é como um pastor,
4 Conhece o vento e o sol
5 E anda pela mão das Estações
6 A seguir e a olhar.
7 Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado...
9 Mas eu fico triste como um pôr de sol
10 Para a nossa imaginação,
11 Quando se vê acabar lá ao longe
12 E se sente a noite já entrada
13 Como uma borboleta pela janella.

ESCOLHA DE POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

(1889-1915)

DE «O GUARDADOR DE REBANHOS»

(1911 — 1912)

I

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando **esfria no fundo da planície**
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janella.

*se vi acabar lá ao longe
Quando esfria no fundo da planície
(20 planície)*

2015: Castro - Edição crítico-genética

I

- 1 Eu nunca guardei rebanhos,
2 Mas é como se os guardasse...
3 Minha alma é como um pastor,
4 Conhece o vento e o sol
5 E anda pela mão das Estações
6 A seguir e a olhar.
7 Toda a paz da Natureza sem gente
8 Vem sentar-se a meu lado...
9 Mas eu fico triste como um pôr de sol
10 Para a nossa imaginação,
11 Quando **se vê acabar lá ao longe**
12 E se sente a noite já entrada
13 Como uma borboleta pela janella.

1946: Simões & Montalvor

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse. ←
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado. ←
Mas eu fico triste como um pôr do Sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela. ↘

2015: Castro - Edição crítico-genética

1 Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse... ←
3 Minha alma é como um pastor,
4 Conhece o vento e o sol
5 E anda pela mão das Estações
6 A seguir e a olhar.
7 Toda a paz da Natureza sem gente
8 Vem sentar-se a meu lado... ←
9 Mas eu fico triste como um pôr de sol
10 Para a nossa imaginação,
11 Quando se vê acabar lá ao longe
12 E se sente a noite já entrada
13 Como uma borboleta pela janella. ↘

1889-1915

Como um pai de sol para a sua criação?

Como um pai de sol parece nos

Triste como um pai de sol para sua criação.

I.

Eu nunca guardei relíquias, ↓

Mas é como se as guardasse... ↓

~~Minha alma~~ é como um pastor, ↓

Pertence ao vento e ao sol ↓

E anda pela mão das estações ↓

A comer e a brincar... ^{vamos} ^{acompanhar} _{segue}

Toda a paz da Natureza sem gente

Vem sentar-se a meu lado...

Mas eu fico triste como um pai de sol parece ser

Quando aroutei as fendas do oceano, ^{plamias}

E se sente a noite entrar que a noite já entra.

Como uma borboleta pela janela.

~~Minha alma~~

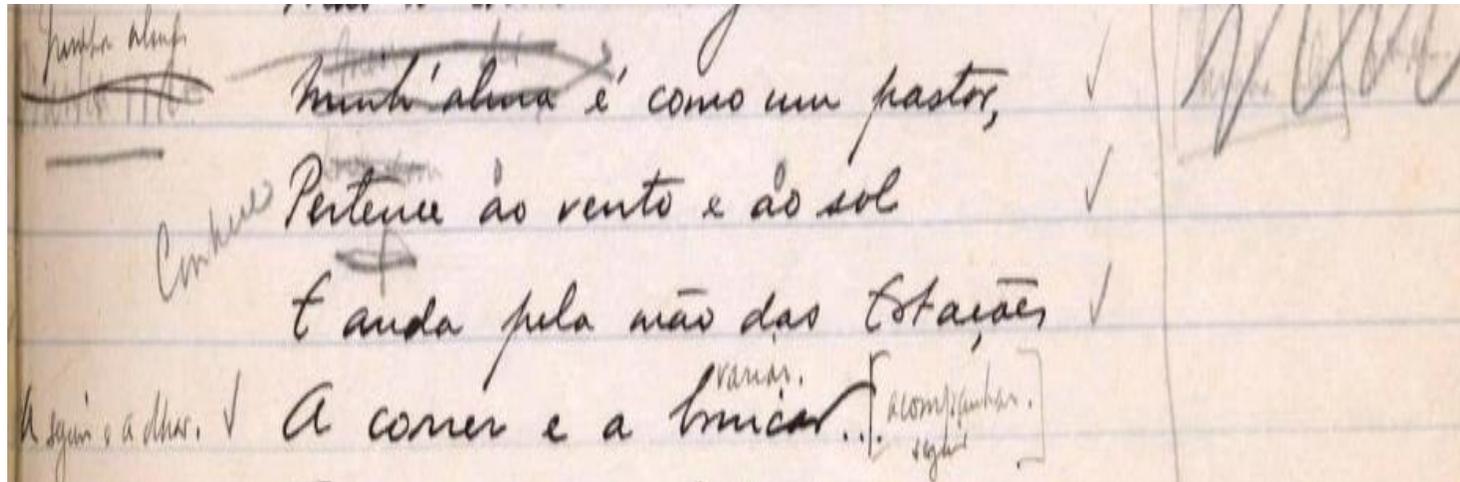
A seguir a a dhas. ↓

Para a hora imaginária,

de noite a noite entra

Com a luz que a noite

[Handwritten signature]



<http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/index.html>

- 3 A Minha alma
 B Minh'alma
 MS <Minh'alma>[↑<Meu ser>][→<Minha alma [stet †]>]
 [←Minha vida>[↑Minha alma]]

[O lápis que riscou Meu ser na entrelinha é o mesmo que sublinhou Minha vida na margem esquerda. A adição da margem direita possui um stet (sinal de confirmação), além de uma palavra ilegível, mas foi depois riscado, possivelmente porque a lição confirmada voltou a ser inscrita na margem direita, na mesma tinta que riscou Minha vida.]

- 4 AB Pertence ao vento e ao sol
 MS Pertence *dubit.* [↑<Vive com>] [←Conhece] ao [↑o] vento
 e ao [↑o] sol
- 5 AB MS E anda pela mão das Estações
 D Vive lá fóra com as estações,
- 6 AB A correr e a brincar...
 MS brincar [↑variar][→acompanhar [↓seguir]] [← A ↑seguir
 e a olhar.]

Aparato Genético

- I AB O meu olhar é nitido como um girasol
 MS O meu olhar é [↑Onde eu ólho [↑tudo] está] nitido como um girasol [←Ao meu olhar, tudo é [↑Tudo que vejo está]] nitido como um girasol.
- 6 A que eu nunca antes tinha visto
 B MS que nunca antes eu tinha visto
- 8 A Sei ter o pasmo <q> essencial
 B Sei ter o pasmo essencial
 MS <essencial>[↑com os olhos] [↓por traz dos olhos] [→commigo]
- 12 AB Para a eterna novidade do mundo
 MS Para a eterna [↑serena] [↓perpetua [↓subita]] [←grande [↓completa]] novidade do mundo...

[Esta cascata de seis adjetivos alternantes obriga a pôr em prática critérios de estabelecimento da cronologia relativa adquiridos na observação da totalidade do caderno, e de modo concordante em outros autógrafos de Pessoa.

Printo-me no cido a cada momento
 Para a eterna novidade do mundo...
 Crei no mundo como a'um malweper,
 Porque o vejo. Por não povo a'ella

O meu olhar é nitido como um girasol.
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Mandando para a direita e para a esquerda,
 E de vez em quando mandando para traz...
 E o que vejo a cada momento
 É aquillo que nunca antes eu tinha visto,
 E eu sei dor por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo essencial
 Que tem uma creança eu, ao nascer,
 Reparou que nos cida d'iveias...
 Printo-me no cido a cada momento
 Para a eterna novidade do mundo...
 Crei no mundo como a'um malweper,
 Porque o vejo. Por não povo a'ella

A transmissão de *Iracema* em material didático

Exemplos de variações

COC	TIPO DE VARIANTE
O pajé vibrou virou o maracá	Substituição: troca de palavras foneticamente semelhantes
mas se o sol tornando tornado não trazer o irmão de Iracema, ele levará o guerreiro branco à taba dos pitiguaras.	

Fonte do material didático: edição da editora Ática de 1973, que “está igual” à edição crítica (também assumiu a 3ª edição de *Iracema* como testemunho-base)

Edição Crítica, 1965

O PAJÉ VIBROU o maracá, e saiu da cabana, porém o estrangeiro não ficou só.

Edição de 1973, Ática

O Pajé vibrou o maracá e saiu da cabana, porém o estrangeiro não ficou só.

Material didático

O pajé virou o maracá, e saiu da cabana, porém o estrangeiro não ficou só.

Exemplos de *variações*

LITERATURA BRASILEIRA, EDITORA ATUAL	TIPO DE VARIANTE
Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.	Substituição de pontuação
Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.	

Fonte do material didático: Edição Crítica de M. Cavalcanti Proença, 2a. Edição, 1979 que está igual à 1a. Edição Crítica, de 1965, **mas no material didático está diferente.**

Exemplos de variações

Aqui, aparentemente a vírgula foi inserida para indicar a omissão de “vezes” na segunda oração.

PAINEL DA LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA	TIPO DE VARIANTE
Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, (...)	Adição de pontuação
Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, (...)	

Exemplos de variações

Aqui, aparentemente a vírgula foi excluída para não separar sujeito de predicado.

PAINEL DA LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA	TIPO DE VARIANTE
Assim a virgem do sertão, aninhou-se nos braços do guerreiro”	Omissão de pontuação
Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro”	

Fonte do material didático: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – 2ª série do Ensino Médio - Rede Pitágoras-Editora Universidade

Exemplo de “correção” que pode gerar um “erro” na tradição da obra, comprometendo o estudo a respeito do estilo da obra e do autor.

IRACEMA



I

VERDES MARES bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Figura 1 - Fac-símile do início do Capítulo I da edição crítica de 1965.

Capítulo I

“Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.”

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro

Figura 2 - Fac-símile do início do Capítulo I no material Literatura Brasileira – UFTPR.

A pontuação original corrobora o caráter de prosa poética do texto. Além disso, trata-se de um resquício de sua forma primitiva se consideramos que, na Carta à 1ª edição de **Iracema**, Alencar afirma que escreveu o texto do livro primeiro em versos, mas que teve dificuldade em dar continuidade à história usando esse gênero, e assim optou pela prosa. No texto do romance, porém, “estão ainda e estarão cerca de dois mil versos heróicos” (PROENÇA, 1965, p. 142).

IRACEMA

I

VERDES MARES bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alissai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

A substituição do ponto e vírgula pelo ponto final desfaz completamente o ritmo e a configuração poética do texto, causando prejuízo a uma possível discussão sobre o caráter de prosa poética da obra. Além disso, a manutenção da pontuação original possibilita levantar a discussão sobre a licença poética que o escritor possui quando extrapola a norma gramatical usando-a coerentemente em prol de seu gênio inventivo, criador e poético. Como afirma o próprio Alencar (PROENÇA, 1965, p. 222), não é justo a soberania gramatical tachar de “erro” o que é apenas uma opinião.

Capítulo I

“Verdes mares bravios de minha terra natal,
onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.”

Verdes mares, que brilhaes como líquida
esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando
as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a
vaga impetuosa, para que o barco aventureiro

**QUEM NÃO VÊ BEM
UMA PALAVRA
NÃO PODE VER BEM
UMA ALMA**

Fernando Pessoa